

# Vencemos o colonialismo e liquidaremos infiltrados, bandidos e candongueiros

— combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional

N. 9/6/83

«Nós combatentes veteranos da Luta Armada de Libertação Nacional, estamos prontos para, uma vez mais, pegarmos em armas. As mesmas armas que liquidaram o colonialismo português e os reaccionários internos, durante a Luta Armada, servem hoje para liquidar os infiltrados, para esmagar os bandidos, para escangalhar os candongueiros» — afirmaram os antigos

Em nome dos Combatentes Veteranos da Luta Armada de Libertação Nacional, queremos agradecer a oportunidade que o Partido Frelimo nos dá para saudar o IV Congresso do Partido, acontecimento de suma importância para a história do nosso Povo.

Os Combatentes Veteranos da Luta Armada de Libertação Nacional saúdam em primeiro lugar, o Camarada Presidente do Partido Frelimo e Comandante-em-Chefe das FAM/FPLM e orgulham-se em ter nas suas fileiras o Filho mais querido do nosso Povo, o Soldado Pioneiro das nossas fileiras, o Instrutor, o Grande Comandante e estratega da guerrilha, o promissor arquitecto do memorável Nachingwea, hoje Herói da Nação, o Combatente n.º 1, o Marechal da República, Samora Moisés Machel.

Queremos igualmente estender as nossas saudações a todos os camaradas delegados e convidados ao IV Congresso.

Saudar o IV Congresso do Partido Frelimo significa recordarmos de forma sintética e com profunda emoção a história de onde vivemos, o que fomos e o que somos hoje.

Nós, aqui presentes, constituímos parte do primeiro núcleo de combatentes que após uma preparação militar intensiva em Bagamoyo e Konde, iniciamos a Luta de Libertação da Pátria em 25 de Setembro de 1964, em circunstâncias extremamente duras e difíceis, mas que nunca constituíram obstáculos para atingirmos o objectivo que pretendíamos alcançar.

Na altura, não tínhamos armamento, suficiente e adequado, nem fardamento e calçado, para não falarmos de mantimentos e medicamentos para primeiros socorros; mas possuíamos algo mais forte e poderoso:

- O Espírito Patriótico
- O Moral Elevado

— A convicção da justiça da nossa luta e a certeza da vitória do nosso povo sobre o colonialismo, sobre a opressão e exploração do homem pelo homem.

E essa magna tarefa combativa cabia essencialmente a nós, jovens que éramos nessa altura.

Nas frentes de combate, o Povo devidamente mobilizado apoiou incansavelmente os combatentes no fornecimento de mantimentos e transporte de material bélico e participou activamente, com as suas armas tradicionais, em combates contra o inimigo.

Na sequência do desenvolvimento da Luta Armada, várias zonas ficaram sob controlo directo do nosso povo nas quais foram introduzidas as estruturas do poder popular. Assim, foram materializados os princípios da Guerra Popular prolongada. Foi incentivada a agricultura, foram criadas cooperativas agrícolas, de pesca, de extracção de sal e de artesanato. A partir dessa fase começa a verificar-se de uma forma clara o surgimento de novos exploradores. Foram estes elementos que promoveram a divisão

no seio da FRELIMO e cujas ideias foram derrotadas no II Congresso, em Julho de 1968.

Nesse histórico II Congresso, mais uma vez desmoronámos os desígnios da ala reaccionária existente no nosso seio.

Definiu-se correctamente o inimigo. Foi a partir do II Congresso que compreendemos que a nossa luta deveria ser simultaneamente uma luta de classes. Daí a razão de transformarmos o Centro de Preparação Político Militar de Nachingwea num centro onde todo o combatente, empenhado nas tarefas de mobilização, combate, produção e estudo, iria sintetizar um novo estilo de vida que deveria implementar nas Zonas Libertadas.

Falar de transformações — a transformação da mentalidade velha em nova, a criação do Homem Novo, Homem

combatentes numa mensagem lida durante o Congresso. O calor, transmitido por estes construtores da Pátria moçambicana através da sua mensagem, que aqui publicamos na íntegra foi um dos momentos mais emocionantes vividos ao longo dos cinco dias do Congresso.

o tipo de material de Mkunya ao rio Lúrio, de Mutomone e de Chifombo ao rio Save.

Esta experiência confirma a nossa política de que o homem mobilizado, decidido e pronto a atingir qualquer objectivo, consegue-o.

Um exemplo vivo de como resolvíamos os nossos problemas é a forma como reparávamos as deficiências e estragos das nossas armas.

Homens que não sabiam escrever sequer o seu nome, procediam à reparação de todos os tipos de armas desde a espingarda à bazuca, ao morteiro e ao canhão.

Eles são para todos nós um modelo de iniciativa criadora, formados na Universidade da Prática — a Luta Armada — a Guerra Popular.

Um desses homens é o velho Nampalunula.

Aqui está uma das muitas armas

É, graças a esta determinação que foi possível no dia 25 de Junho de 1975, perante o grito de alegria de todo o Povo, erguer bem alto a Bandeira da Liberdade, a Bandeira produzida com o sangue dos melhores filhos de Moçambique.

No vermelho da Bandeira Nacional, temos os nomes dos nossos camaradas que ficaram inseparáveis durante a longa caminhada da liberdade. Nesse dia sentimos com a Independência Nacional, o orgulho de voltar a dizer aos nossos camaradas tombados no combate: Missão Cumprida.

Após 10 anos de combate, uma vez proclamada a Independência Nacional, esperávamos iniciar a procura e a localização dos nossos filhos, esposas, maridos e mães com os quais acumulámos amor e saudades

nascida e forjada durante a Guerra Popular de Libertação Nacional.

Hoje, sob a direcção do Partido Frelimo, construímos o socialismo na nossa Pátria libertada. Isto não significa, porém, que a luta de classes terminou no nosso País. Pelo contrário, o inimigo, enraivecido pelas nossas vitórias, procura por todos os meios sabotar a nossa Revolução.

Assistimos, por um lado, à infiltração do nosso aparelho de Estado por agentes da burguesia que tentam entrar a implementação da política do nosso Partido. São elementos que reprimem as iniciativas populares, recusam trabalhar com o Povo e desprezam as conquistas das Zonas Libertadas.

Assistimos, por outro lado, à infiltração de bandidos armados que roubam, mutilam e assassinam o nosso Povo.

Assistimos à proliferação dos candongueiros, pilhóis e sanguessugas que pretendem aproveitar-se das nossas dificuldades para enriquecer.

Nós, combatentes veteranos da Luta Armada de Libertação Nacional, estamos prontos para, uma vez mais, pegarmos em armas. As mesmas armas que liquidaram o colonialismo português e os reaccionários internos, durante a Luta Armada, servem hoje para liquidar os infiltrados, para esmagar os bandidos, para escangalhar os candongueiros.

Contra todos eles, e sob a Direcção do Partido Frelimo, a luta continua!

Vimos para dizer que nos Congressos anteriores tomaram-se decisões muito importantes para a nossa luta, para o nosso Povo. Estamos certos e confiantes de que do IV Congresso sairão decisões que nos guiarão em todas as frentes de reconstrução nacional e do desenvolvimento do Socialismo no nosso País. O fundamental foi, e é, assegurar o cumprimento das decisões.

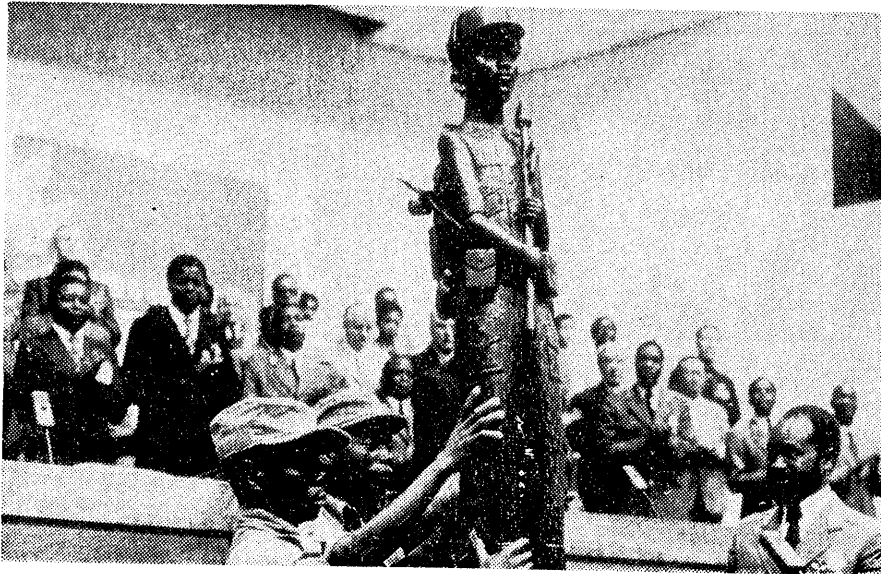
A criação da Associação e da Secretaria de Estado dos Antigos Combatentes permitirá o nosso melhor enquadramento e uma mais eficaz participação no combate contra os inimigos do Povo e da Revolução.

Nós, Antigos Combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional, perante o nosso Comandante-em-Chefe, o Marechal da República, Samora Moisés Machel, perante todos os Delegados, juramos solenemente que uma vez mais estamos prontos e firmes para cumprir todas as orientações a serem traçadas por este órgão máximo do nosso Partido.

Nós, que vimos cair, vítimas de uma bomba, uma mina, uma granada, uma bala, alguns dos melhores filhos do nosso Povo, como Eduardo Mondlane, Josina Machel, Filipe Samuel Magaia, Francisco Manyanga, Paulo Samuel Kamkhomba, Sansão Muthemba, nós juramos continuar firmes nas posições combativas que eles nos confiaram e nunca trair os Ideais por que lutamos.

Vimos aqui afirmar a nossa incondicional fidelidade ao Partido e, tal como ontem, juramos que não pouparemos sacrifícios para o novo combate, que continuaremos a lutar para ampliar, defender e cimentar as nossas conquistas para o futuro vermelho do nosso Povo.

A LUTA CONTINUA!



Com orgulho e determinação, os combatentes construtores da Pátria, exprimiram a sua prontidão para os novos combates

esse que iniciou a luta, rechaçou a maior ofensiva inimiga de toda a guerra, a operação «Nó Górdio», e prosseguiu com a luta até à derrota do colonialismo português no nosso País.

Essa vitória foi possível porque o nosso Comandante-em-Chefe, Samora Moisés Machel soube analisar a situação e traçar orientações concretas que nos levaram a rechaçar a operação.

Perante as dificuldades, procurávamos soluções confiando nas nossas próprias forças. Produzimos sal, baldes, painéis, utensílios, sabão e transportávamos nas nossas cabeças todo

que ele reparou e que oferecemos ao IV Congresso.

Mas hoje, já independentes, donos dos hospitais, das fábricas, das escolas, das linhas férreas, das estradas, senhores da nossa costa, do espaço aéreo, e com todos os meios de transporte ao nosso alcance, não fomos ainda capazes de resolver os nossos problemas.

Ao oferecermos esta arma, pensamos que esta acção serviria de fonte de inspiração para os muitos operários do nosso País. Esta arma é mais um exemplo daquilo que foi uma das muitas experiências das Zonas Libertadas.

de voltar a vê-los ou visitar os seus tumulos.

Contávamos, em paz, reconstruir o nosso País e recompor os nossos lares. Porém, isso não aconteceu. O imperialismo, através do vaqabundo Ian Smith agride-nos e de novo somos obrigados a empunhar as nossas armas e prosseguir o combate lado a lado com os nossos irmãos do Zimbábue.

Vencemos. Al ficou uma vez mais a lição, o sentido de coragem e exemplo do internacionalismo.

Em 1977 o III Congresso cria o Partido Marxista-Leninista, concretizando a nossa opção de classe, opção